



Poesia numa hora dessas...

POEMAS POSTADOS NA COMUNIDADE LENDO E APRENDENDO

2ª edição - Julho 2006

www.syxet.com.br

Editado e organizado por Inge Christmann



1 TANIA REGIA

ANONIMATO

No anonimato da vida
sigo meu caminho a sonhar
procurando razões e soluções
tentando assim me encontrar...

Sentidos usados, explorados, sentidos!
Queridos dias e noites de lua,
cada qual com seu significado a me motivar.
Busco sensações que a vida pode me dar!

Pensando, sentindo, sofrendo, reformulando e querendo,
caminhos percorro em busca de mim mesma e de alguém.
Alguém que no anonimato também está
não por medo de viver,
mas por medo de amar.

Vida vivida,
vida querida,
vida sentida
vida...Só vida...
Quero esperar!



2 VANESSA

Sonhos

Sonhei com uma lenda.
Onde os mais preciosos momentos estavam lá...
A alegria, a tristeza, o fácil, o difícil.
O sorriso , o choro, o encanto e o desalento.
A conquista , a derrota, a ilusão e a realidade.

Cada momento com a sua mensagem...
E em cada mensagem um novo aprendizado...
E a cada aprendizado novos sonhos ...
E com novos sonhos , novas realidades...

Sonhei que o amor transformava sonhos em realidade.
E que a fantasia e a magia , eram sonhos reais.
Que minha doce alma flutuava nas nuvens da realidade.
E que a cada dificuldade.
Meus sonhos me exaltavam a sonhar mais !

Pois a cada novo sonho, uma nova realidade nascia...
E eu aprendia com a vida.
Que os sonhos são reais.
Basta você querer, acreditar, e plantar.

Que feridas e medos não impedem que os sonhos sejam reais.
Simplesmente viva os seus sonhos.
E tenha a certeza ,que a cada realização ,
Você tem um novo sonho que se transformou em Verdade...
Busque sem medo!
(Vanessa Alonso)

A palavra é: Reação



3 TANIA REGINA

Reação,
ação,
emoção
paixão...

Tentativas de ser
de querer
de viver,
admirando cada detalhe que nasce em você.

Em nós tudo se fundi,
tudo se transforma em sonhos, em realidades,
em juventude, em saudade, em maturidade,
fazendo a fusão de dois querer.

Em você encontro refúgio no meio da tormenta,
e ofereço segurança para seus medos.
reação e ação diante da paixão
que nos faz embriagar de certezas e dúvidas.

Viver tudo isso é amar...
É ter esperança de tornar real um sonho
é ter a sensação de eternidade em meio ao perigo da perda.
Viver tudo isso é sofrer e ser feliz por você!

Mesmo que este você ainda não possa existir
reajo e ajo,
me apaixonando por esta idéia,
por este sonho de te encontrar
por este momento em que poderei de novo amar



4 INGE

Teu beijo quando toca o meu corpo é
como um oceano de água
doce correndo pelas pastagens fazendo
nascer flores
como se todo o meu corpo fosse um
jardim
a exalar todos os perfumes

Que minha boca só se satisfaça
com teus beijos
Que minhas mãos
só toquem tua pele
Que meu corpo só se torne extasiado
quando seduzir o teu

A palavra é vidraça



5 CLEBER

Ventos

Ventos que sopram a poeira podridão
De monumentos expostos agora no chão
Construídos por belos, destruídos por falsos
Sopra-os vento, exilá-los do altos

Por: Cleber Ferreira

6 ANDRÉIA CRISTINA

BALADA DA NEVE

Augusto Gil

Batem leve, levemente,
Como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
E a chuva não bate assim.

É talvez a ventania:
Mas há pouco, há pouquinho,
Nem uma agulha bulia
Na quieta melancolia
Dos pinheiros do caminho...

Quem bate, assim, levemente,
Com tão estranha leveza,
Que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
Nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve caía
Do azul cinzento do céu,
Branca e leve, branca e fria...
■ Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho,
Passa gente e, quando passa,
Os passos imprime e traça
Na brancura do caminho...

Fico olhando esses sinais
Da pobre gente que avança,
E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturais
Duns pezitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
A neve deixa inda vê-los,
Primeiro, bem definidos,
Depois, em sulcos compridos,
Porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
Porque lhes dais tanta dor?...
Porque padecem assim?...

E uma infinita tristeza,
Uma funda turbação
Entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
- E cai no meu coração.

A próxima palavra é: Mamãe.



7 CLEBER

Vidraça

Ao despertar de um lindo dia de sol
Após espreguiçar-me gostosamente
Levantei-me de sobressalto...

Tamanho meu espanto e alegria
Sua imagem pela vidraça eu via
Os raios que sua face iluminavam
No meu rosto um sorriso de felicidade se abria

Ao caminhar ao seu encontro
vislumbrando sua harmonia
O coração em espanto
Tamanha minha euforia

Quando com um beijo caloroso
Nossos lábios se uniam
Coração em sobressalto

Nossos amores emergiam

Mesmo nos dias em que não estamos juntos
Uma alegria sempre pela manhã vou sempre ter
Quando acordo todos os dias
Na vidraça sua imagem vou ver

Nela ficou gravada
Sua imagem de anjo e harmonia
Como é bom eu sentir
Esse amor tamanho e essa alegria

TE AMO!

Por: Cleber Ferreira

Palavra: **Flerte**



8 VANESSA

Além da Vidraça

Viajar nos pensamentos...
Através dos tempos...
Na imaginação...
Com o coração...
Sinta que há algo além da vidraça!

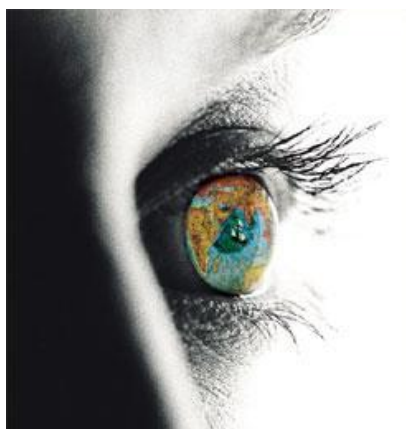
Usar um olhar interior...
Para ver que há cor...
Através da vidraça...
Com muita graça...
Além da vidraça!

Não acredite que tudo é como parece ser...
Porque além da vidraça, há um querer...
E acreditar que tudo é movimento...
Não é um tormento...

Mas sim libertação...
Procurar um novo caminho...
E perceber que a vida tem sentindo...
E que existem objetivos...
Além da vidraça...

A vida é clara...
O medo a transforma em coisa rara...
Mas um bom pensamento em dia de caos...
É evoluir mesmo quando teimamos em não olhar além da vidraça!
(Vanessa Alonso)

Mamãe
Flerte
Através



9 INGE

Flerte

Aflorado está meu desejo
No clamor do teu corpo
Dissuadido a possuir
Deturpando minha lucidez
Tramando obscenidades
Em sutil consentimento
Na permissividade do seu olhar
(Gerson F. Filho).

10 INGE

Chega Através

Álvaro de Campos

Chega através do dia de névoa alguma coisa do esquecimento,
Vem brandamente com a tarde a oportunidade da perda.
Adormeço sem dormir, ao relento da vida.

É inútil dizer-me que as ações têm conseqüências.
É inútil eu saber que as ações usam conseqüências.
É inútil tudo, é inútil tudo, é inútil tudo.

Através do dia de névoa não chega coisa nenhuma.

Tinha agora vontade
De ir esperar ao comboio da Europa o viajante anunciado,
De ir ao cais ver entrar o navio e ter pena de tudo.

Não vem com à tarde oportunidade nenhuma.



11 INGE

Cantiga de Ninar Mamãe

Ribamar Feitosa

Dorme, mamãe, do meu coração, o bicho papão não vem te comer.
Dorme, mamãe, que eu vou vigiar e a cuca maluca não vem te pegar.
Dorme, mamãe, não tenhas mais medo de tudo e de nada, de bruxa malvada que faz a careta, de bois perigosos de cara bem preta.

Dorme, mamãe, é tão bom ver você nesta cama deitada.
Eu sou pequenina, mas posso ficar um instante acordada.
Dorme, mamãe, um anjo chegou e, devagar, nos beijou.
E você, mamãezinha, mais bonita ficou.



12 MARIANNE

Mulher e mãe

" Pai, afasta de mim este cálice"

Agora,
eu me amo muito.
Este é um canto de amor
por mim
que me mereço
e me floresço por mim
em begônias
antúrios indecentíssimos
clitóris e Amarílis
Que Narciso sou eu
e é feminino.

Um canto de amor por mim
e horror à bílis
azedo azeite que elimino
Mãe: aproxima de mim
esta xícara de leite .

(Yeda Schmaltz - Título Original : "Glândulas IV", no livro Baco e Anas Brasileiras)

permanece a palavra de Inge : PENUMBRA

13 JORGE NICOLAU

OS MORTOS NA PENUMBRA

Os mortos na penumbra vão fluindo
as fibras intangíveis de seus corpos
num bailado medroso, a flutuar.
Contudo maneirados vão sorrindo
a somar luas, píncaros e portos,
e a florescer as tíbias sobre o mar.

São corpos, flutuantes, mas pesados
com pedras e destroços milenares.
O pétreo dos olhares seus espanta,
afugentando as mãos soltas nos ares.
São palmas e são dedos rejeitados,
são seres e entidades esquecidas
no ventre dos milênios sem vestígios,
nas conchas abissais de esconsas vidas.
(Autor: Joanyr de Oliveira)

Próxima: Descaso



14 VANESSA

No seu Descaso

O descaso do teu sorriso...
De um ombro amigo...
De um pedido...

No descaso da tua ausência
E na ousadia do meu ser...
Você está presente ao meu lado...

Consigo te encantar...

Mas não sei te mostrar o quanto é bom amar...
Nem te fazer chorar...Para te fazer viver...

No descaso do teu sorriso...
Eu quero habitar o teu ser...
E te envolver com meus mistérios...

Para conquistar o seu acaso...
No descaso da sua tristeza
Eu sou como um espelho...

Te ensino que o desprezo ...
É uma falta de apreço...
E que amar sem medo
E viver por completo
O amor que esta perto
mas que tu esconde com teu segredo.
(Vanessa Alonso)

A próxima palavra é: Metal

15 SELMA

Recordando...

Metal contra as nuvens
Renato Russo

I
Não sou escravo de ninguém
Ninguém senhor do meu domínio
Sei o que devo defender
E por valor eu tenho
E temo o que agora se desfaz
Viajamos sete léguas
Por entre abismos e florestas
Por Deus nunca me vi tão só
É a própria fé o que destrói
Estes são dias desleais
Sou metal - raio, relâmpago e trovão
Sou metal, eu sou o ouro em seu braço
Sou metal: me sabe o sopro do dragão
Reconheço o meu pesar
Quando tudo é traição
O que venho encontrar
É a virtude em outras mãos
Mas minha terra é a terra que é minha
E sempre será minha terra

Tem a lua, tem estrelas e sempre terá

II

Quase acreditei na sua promessa

E o que vejo é fome e destruição

Perdi a minha sela e a minha espada

Perdi o meu castelo e minha princesa

Quase acreditei, quase acreditei

E, por honra, se existir verdade

Existem os tolos e existe o ladrão

E há quem se alimente do que é roubo

Vou guardar o meu tesouro

Caso você esteja mentindo

Olha o sopro do dragão

III

É a verdade que assombra

O descaso que condena

A estupidez que o destrói

Eu vejo tudo o que se foi

E o que não existe mais

Tenho os sentidos já dormentes

O corpo quer, a alma entende

Essa é a terra-de-ninguém

E sei que devo resistir -

Eu quero a espada em minhas mãos

Sou metal - raio, relâmpago e trovão

Sou metal, eu sou o ouro em seu brasão

Sou metal: me sabe o sopro do dragão

Não me entrego sem lutar -

Tenho ainda coração

Não aprendi a me render

Que caia o inimigo então

IV

■ Tudo passa, tudo passará

E nossa história não estará pelo avesso

Assim, sem final feliz

Teremos coisas bonitas para contar

E até lá, vamos viver

Temos muito ainda por fazer

Não olhe para trás -

Apenas começamos

O mundo começa agora -

Apenas começamos.

Próxima palavra: Nostalgia.

16 VANESSA

A nostalgia da infância

No embalo da balança,
Pendurada na pitangueira.
Passava a tarde a balançar, e a
formar desenhos com as nuvens.

Corre corre, pega pega;
Pega ladrão, roda pião;
Solta pipa para voar;
Corro livre pela rua, que quase não passa carro.

Todo Sábado de manhã;
Um enorme palhaço perna de pau;
Desfila pela cidade;
Seguindo com a banda.

Que saudades dessa infância...
Tão pura e tão ingênua!
Desses bons tempos, só restou a Nostalgia,
Saudades e as alegrias.
(Vanessa Alonso)

A palavra é: Prosa



17 MARIA DA GLÓRIA

A prosa deve ser vigorosa
Intensa como uma urgência
Cacófona como o som de sirenes
Deve ter pulsos, espasmos episódicos
Há de urrar no meio da noite
Suar intensamente.
E será o homem. E será a mulher
Simples assim.

Vito César Fontono <http://vitocesar.cristalpoesia.net/>

A palavra é: MEL



18 INGE

MITOLOGIA
Carlos Arantes

A ira de Vulcano precipitando no céu
O néctar de Vênus precipitando o mel
O vinho de Baco precipitando em fel
As curvas de Afrodite precipitando o cio
A pressa de Mercúrio em atravessar o rio
Pra dizer que eu te amo
Mesmo em Plutão
Planeta frio.

A palavra é desespero

19 **MARIA DA GLÓRIA**

Leve Desespero
Capital Inicial

Eu não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
É importante, todos me dizem
Mas nada me acontece como eu queria

Estou perdido, sei que estou
Cego para assuntos banais
Problemas do cotidiano
Eu já não sei como resolver

Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui

Então é outra noite num bar
Um copo atrás do outro
Procuro trocados no meu bolso
Dá pra me arrumar um cigarro?

Eu não consigo mais me concentrar
Eu vou tentar alguma coisa para melhorar
Já estou vendo TV como companhia

Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui

Talvez se você entendesse
O que está acontecendo
Poderia me explicar
Eu não saio do meu canto
As paredes me impedem
Eu só queria me divertir

As paredes me impedem
Eu já estou vendo TV como companhia

Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui

Sob um leve desespero
Que me leva, que me leva daqui.

A palavra é: Quente

20 VANESSA

É Inda Quente
Fernando Pessoa

É inda quente o fim do dia...
Meu coração tem tédio e nada...
Da vida sobe maresia...
Uma luz azulada e fria
Pára nas pedras da calçada...
Uma luz azulada e vaga
Um resto anônimo do dia...
Meu coração não se embriaga
Vejo como quem vê e divaga...
E uma luz azulada e fria.

A palavra é: Condição



21 JORGE NICOLAU

A CONDIÇÃO HUMANA
Autor: José Augusto de Carvalho

Das rotas dos princípios disto tudo,
emerge o verbo --- essência de água e lodo.
Das tábuas que quiseram ser um todo,
não resta nem espada, nem escudo.

O verbo, sem sentido, anestesia
a dor que prolifera e que subjuga.
Já nem sequer a mão canhestra enxuga
a lágrima que dói e tomba, fria.

Casado o desespero com a ira,
irrompe da cratera a violência
na lava da vergonha e da mentira.

Suspenso do mistério da existência,
dedilho, em desespero, a minha lira,
vergado à perdição da minha essência.

Próxima: ILUSTRAÇÃO.



22 **MARIA DA GLÓRIA**

ILUSTRAÇÃO DE VIOLETA
Régis Bonvicino

Ruído de
sempre
presente

ponteiro
do relógio
resume

outra
eritrina meia
- noite

de inverno
soando,
cadeira

último
ajuste
de braços

íntimo
acorde
de flanges

muda
seqüência

de quinas

A palavra é: MAIO.

23 INGE

Noite de maio
Castro Alves

BARCAROLA

Música da "Santa Lucia"

I

NO CÉU dos trópicos
P'ra sempre brilha,
O noite esplêndida,
Que as ondas trilha.

Do amor nas pálpebras
Acende o raio.
O noite cúmplice!
Noite de maior

II

Vê... que astros lúcidos
Na azul clareira:
São flores níveas
Da laranjeira.

De noiva chamam-te
Em cada raio.
Noiva puríssima
Do mês de maio.

III

Do vento os hálitos
Erguem-te as tranças,
Nos seios rolam-te
Em loucas danças.

São meus anélitos,
É meu desmaio.
Ó noite cúmplice!

Noite de maio!

IV

Estrela pálida,
Moça divina!
Donzela tímida
Sob a neblina!

Teu véu empresta-me,
Teu longo saio,
Para as espáduas
Da flor de maio.

V

Nas praias nítidas
Têm voz as vagas...
São bocas trêmulas
Lambendo as plagas.

O oceano lúbrico
Beija-te o seio...
Meus versos canta-lhe,
Vaga de maio.

VI

O espelho etéreo
Das nuvens nasce,
Reflete em júbilos
A tua face.

Seu riso angélico
No céu guardai-o.
Espelho límpido
Da flor de maio.

VII

Há risos tépidos
Entre as palmeiras;
Beijam-se lânguidas
Fadas trigueiras.

Da selva o cântico
Além cantai-o,
Ó gênios cúmplices

Do céu de maio.

VIII

A lua imerge-se
Na etérea zona
A fronte inveja-te,
Dela Amazona.

Fronte de mármore
Que empresta um raio
À c'roa fúlgida
Do mês de maio.

IX

No azul dos trópicos
Suspende o passo,
As horas céleres
Prende ao regaço...

Os astros ligam-me
Num louro raio!
Sê nossa cúmplice...
Noite de maio! ...

A palavra é geometria

24 MARIA DA GLÓRIA

ABERTURA
Carlito Azevedo

Desta janela
domou-se o infinito à esquadria;
desde além, aonde a púrpura sobre a serra
assoma como fumaça desatando-se da lenha,
até aqui, nesta flor quieta sobre o
parapeito – em cujas bordas se lêem
as primeiras deserções da
geometria.

A palavra é FLUIR

25 INGE

A PALO SECO (trecho)
João Cabral de Melo Neto

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive
não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.

O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.

E espesso

por sua fábula espessa;
pelo fluir
de suas geléias de terra;
ao parir
suas ilhas negras de terra.

Espesso,
porque é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia,
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).

A palavra é recomeçar



26 ANDRÉIA CRISTINA

RECOMEÇAR
Carlos Drummond de Andrade

Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível e necessário
"Recomeçar".

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e o mais importante...
acreditar em você de novo.

Sofreu muito nesse período?
foi aprendizado...

Chorou muito?
foi limpeza da alma...

Ficou com raiva das pessoas?
foi para perdoá-las um dia...

Sentiu-se só por diversas vezes?
É por que fechaste a porta até para os anjos...

Acreditou que tudo estava perdido?
Era o início da tua melhora...

Pois é...agora é hora de reiniciar...de pensar na luz...
de encontrar prazer nas coisas simples de novo.

Que tal um novo emprego? Uma nova profissão?
Um corte de cabelo arrojado... diferente?
Um novo curso... ou aquele velho desejo de aprender a
pintar... desenhar... dominar o computador...
ou qualquer outra coisa...

Olha quanto desafio...
quanta coisa nova nesse mundão de meu Deus te esperando.

Tá se sentindo sozinho? besteira...
tem tanta gente que você afastou com
o seu "período de isolamento"...
tem tanta gente esperando apenas um sorriso teu
para "chegar" perto de você.

Quando nos trancamos na tristeza...
nem nós mesmos nos suportamos...
ficamos horríveis... o mal humor vai comendo nosso fígado...
até a boca fica amarga.

Recomeçar...
hoje é um bom dia para começar novos desafios.

Onde você quer chegar?
Vá alto... sonhe alto... queira o melhor do melhor...
queira coisas boas para a vida...
pensando assim trazemos prá nós aquilo que desejamos...

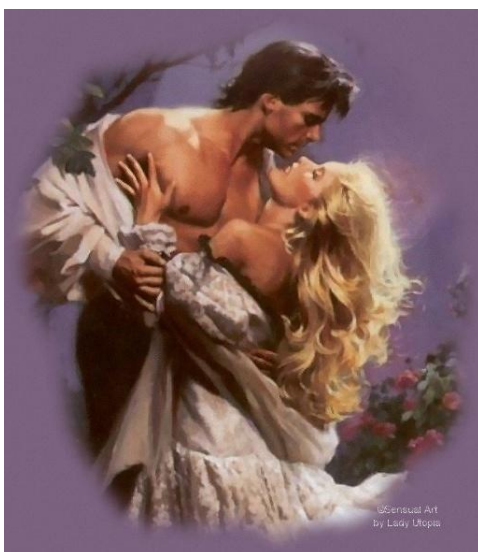
Se pensamos pequeno... coisas pequenas teremos...
já se desejarmos fortemente o melhor e
principalmente lutarmos pelo melhor...
o melhor vai se instalar na nossa vida.
é hoje o dia da faxina mental...
jogar fora tudo que te prende ao passado...
ao mundinho de coisas tristes...
fotos... peças de roupa, papel de bala...
ingressos de cinema... bilhetes de viagens...
e toda aquela tranqueira que guardamos

quando nos julgamos apaixonados...

jogue tudo fora... mas principalmente...
esvazie seu coração... fique pronto para a vida...
para um novo amor...

Lembre-se somos apaixonáveis...
somos sempre capazes de amar muitas
e muitas vezes... afinal de contas...
Nós somos o "Amor"...

A próxima palavra é: reflexão



27 INGE

Livro do Desassossego
Fernando Pessoa

No alto ermo dos montes naturais temos, quando chegamos, a sensação do privilégio. Somos mais altos, de toda a nossa estatura, do que o alto dos montes. O máximo da Natureza, pelo menos naquele lugar, fica-nos sob as solas dos pés. Somos, por posição, reis do mundo visível. Em torno de nós tudo é mais baixo: a vida é encosta que desce, planície que jaz, ante o erguimento e o píncaro que somos. Tudo em nós é acidente e malícia, e esta altura que temos, não a temos; não somos mais altos no alto do que a nossa altura. Aquilo mesmo que calcamos, nos alça; e, se somos altos, é por aquilo mesmo de que somos mais altos. Respira-se melhor quando se é rico; é-se mais livre quando se é célebre; o próprio ter de um título de nobreza é um pequeno monte. Tudo é artifício, mas o artifício nem sequer é nosso. Subimos a ele, ou levaram-nos até ele, ou nascemos na casa do monte. Grande, porém, é o que considera que do vale ao céu, ou do monte ao céu, a distância que o diferença não faz diferença. Quando o dilúvio crescesse, estaríamos melhor nos montes. Mas quando a maldição de Deus fosse raios, como a de Júpiter, de ventos, como a de Éolo, o abrigo seria o não termos subido, e a defesa o rastejarmos.

Sábio deveras é o que tem a possibilidade da altura nos músculos e a negação de subir no conhecimento. Ele tem, por visão, todos os montes; e tem, por posição, todos os vales. O sol que doura os píncaros dourá-los-á para ele mais [que] para quem ali o sofre; e o palácio alto entre florestas será mais belo ao que o contempla do vale que ao que o esquece nas salas que o constituem de prisão.

Com estas **reflexões** me consolo, pois que me não posso consolar com a vida. E o símbolo funde-se-me com a realidade quando, transeunte de corpo e alma por estas ruas baixas que vão dar ao Tejo, vejo os altos claros da cidade esplender, como a glória alheia, das luzes várias de um sol que já nem está no poente.

A palavra é metafísica

28 JORGE NICOLAU

A BASE DE TODA METAFÍSICA

Autor: Walt Whitman

E agora, cavalheiros, eu lhes deixo
Uma palavra
Para ficar nas mentes de vocês
E nas suas memórias
Como princípio e também como fim
De toda metafísica.

(Tal qual professor aos estudantes
ao encerrar seu curso repleto.)

Tendo estudado antigos e modernos,
Sistemas dos gregos e dos germânicos,
Tendo estudo e situado Kant,
Fiche, Hegel,
Situado a doutrina de Platão,
E outros ainda superiores a Secretas

Buscando pesquisar e situar,
Tendo estudado bastante o divino Cristo,
Eu vejo hoje reminiscências daqueles
Sistemas grego e germânico,
Deparo todas as filosofias,
Templos, dogmas cristãos encontro,
E mesmo sem chegar a Secretas eu vejo
com absoluta clareza,
e sem chegar ao divino Cristo,
eu vejo
o puro amor do homem por seu camarada,
a atração de um amigo pelo amigo,
de uma mulher pelo marido e vice-versa
quando bem conjugados,

de filhos pelos pais, de uma cidade
por outras, de uma terra
por outra.

A palavra é: PENSATIVO



29 INGE

NESTE MOMENTO TERNO E PENSATIVO

Walt Whitman

Neste momento terno e pensativo
Aqui sentado a sós
Sinto que existem noutras terras outros homens
Ternos e pensativos,
Sinto que posso dar uma espiada
Por cima e avistá-los
Na França, Espanha, Itália e Alemanha
Ou mais longe ainda
No Japão, China ou Rússia,
Falando outros dialetos,
E sinto que se me fosse possível
Conhecer esses homens
Eu poderia bem ligar-me a eles
Como acontece com homens de minha terra,
Ah e sei que poderíamos
Ser irmãos ou amantes
E que com eles eu estaria feliz

A palavra é mau

30 PEDRO VIVAS

TREVAS

Augusto dos Anjos

Haverá, por hipótese, nas geenas
Luz bastante fulmínea que transforme
Dentro da noite cavernosa e enorme
Minhas trevas anímicas serenas?!

Raio horrendo haverá que as rasgue apenas?!
Não! Porque, na abismal substância informe,
Para convulsionar a alma que dorme
Todas as tempestades são pequenas!

Há de a Terra vibrar na ardência infinda
Do éter em branca luz transsubstanciado,
Rotos os nimbos MAUS que a obstruem a esmo...

A própria Esfinge há de falar-vos ainda
E eu, somente eu, hei de ficar trancado
Na noite aterradora de mim mesmo!

A Palavra é FERA



31 PEDRO VIVAS

VERSOS ÍNTIMOS

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser FERA.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

A Nova palavra é ÉBRIO



32 MARIA DE FÁTIMA

Fantasma
Henrique Meirelles

Sombra dos reflexos, lembrança perdida
Sou brinquedo de lado, linda pedra partida
Sou o outro caminho, mágico falido
Sou o sonho esquecido e teu ego ferido
Prazer, eu sou, teu maior inimigo.
Senha decifrada, escada infinita
Sou a asa quebrada, vento forte na avenida
Sou o mau exemplo, tua fruta proibida
Sou o fantasma da perda, tua "anti-utopia"
Não contente, sou também, tua triste melodia.

A palavra é...VESPA!

33 MARIA DE FÁTIMA

Mistérios de um fósforo
Augusto dos Anjos.

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o
Depois. E o que depois fica e depois
Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois
Túmulos dentro de um carvão promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo
Que a individual psiquê humana tece e
O outro é o do sonho altruístico da espécie
Que é o substractum dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:
— Cinza, síntese má da podridão,
"Miniatura alegórica do chão,
" Onde os ventres maternos ficam podres;

"Na tua clandestina e erma alma vasta,
"Onde nenhuma lâmpada se acende,
"Meu raciocínio sôfrego surpreende
"Todas as formas da matéria gasta!"

Raciocinar! Aziaga contingência!
Ser quadrúpede! Andar de quatro pés
É mais do que ser Cristo e ser Moisés
Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima, hartos,
Mergulho, e na ínfima ânfora, hartos,
O amargor específico do absinto
E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos
Na amorfia da cítula inicial,
De onde, por epigênese geral,
Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovóide e hialino
Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante
Minha massa encefálica minguante
Todo o gênero humano intra-uterino!

É o caos da ávita víscera avarenta
— Mucosa nojentíssima de pus,
A nutrir diariamente os fetos nus

Pelas vilosidades da placenta! —

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto
Do mundo o mesmo ainda é, que, ora, o que nele
Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele
Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos
— Zooplasma pequeníssimo e plebeu,
De onde o desprotegido homem nasceu
Para a fatalidade dos tropismos.

Depois, é o céu abscôndito do Nada.
É este ato extraordinário de morrer
Que há de, na última hebdômada, atender
Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instável,
De minha antropocêntrica matéria
Numa côncava xícara funérea
Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.
Que mão sinistra e desgraçada encheu
Os olhos tristes que meu Pai me deu
De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis!
Dentro um dínamo déspota, sozinho,
Sob a morfologia de um moinho,
Move todos os meus nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo,
Se escapa, dentre as tênebras, muito alto,
Na síntese acrobática de um salto,
O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco
E, vejo, como nunca outro homem viu,
Na anfigonia que me produziu
Noniliões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero,
Migalha de albumina semifluida,
Que fez a boca mística do druida
E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem

Cinza fetal!... Basta um fósforo só
Para mostrar a incógnita de pó,
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso
Dessas afinidades eletivas,
De onde quimicamente tu derivas,
Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona
Desfila... E eis-me outro fósforo a riscar
E esse acidente químico vulgar
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.
Adeus! Que eu vejo enfim, com a alma vencida,
Na abjecção embriológica da vida
O futuro de cinza que me aguarda!

34 INGE

OPUS XVII Maria José Giglio

Toca a vespa
no vidro fixo da janela
uma fuga impossível.

Rascante rumor de patas
na transparência falsa.

Escala repetida
sem escape ou pausa.

Em surdina
agora inútil
o par de asas.

35 INGE

ANTONIO CABRITA

Azada mexerica, mas não aprende que trompete é feminino.
Anos sem que o sexo colha o grão da noite.
Diz sempre que lhe basta chegar à Bretanha.
Chegou, com a adstringência de uma vespa.
Memorizará a vespa que trompete é feminino?

36 INGE

Epístola para os meus medos Fiama Hasse Pais Brandão

Sois: os sons roucos, a espera vã, uma perdida imagem.
O coração suspende o seu hálito e os lábios tremem
sinto-vos, vindes ao rés da terra, como ventos baixos,
poisais no peitoral. Sois muito antigos e jovens,
da infância em que por vós chorava encostada a um rosto.
Que saudade eu tenho, ó escuridão no poço,
ó rastejar de víboras nos caniços, ó vespa
que, como eu, degustaste o figo úbere.
Depois, mundo maior foi a presença e a ausência,
a alegria e as dores de outros que não eu.
E um dia, no alto da catedral de Gaudí,
chorei de horror da Queda, como os caídos anjos.
(de Epístolas e Memorandos, Relógio d'Água, 1996).

A palavra é pirilampos



37 VANESSA

NOCTURNO (José António Lozano)

Como a raiz cega dos pirilampos
convoco o velho ardor
atado ao vinho ao gesto ao rosto
ao cântaro partido pela dança
e algo vibra como o vento norte

os sonhos
as árvores antigas
o fluir ósseo das canções
embebem o meu canto

Percebo a cegueira da mão
a noite perdida pelos faróis
uma estrela cravada nos pulmões
de prata
pelo rio dos bonecos de fósforo
uma aranha que cegamente canta
e os lábios dormidos nas moedas
enterradas no jardim

Mas as cidades fundas nos estremecem
velhos astros que subindo pela imagem
esperam a morte em cada janela
uma luz que se apaga
ouvindo os violinos da recordação
nos olhos mais tristes
das intenções quebradas

Invoco o canto na raiz do poema
na árvore desolada ou
sombra florida do coração:
rosa muda
cravada na infância
como um perfume dos teus espinhos
chamo à doce melancolia
flor negra do meu ardor.

A Palavra é Dourada!



38 ANDREIA CRISTINA

Reinvenção
Cecília Meireles

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão **dourada**
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só — na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

A próxima palavra é: MOTIVO

39 INGE



Motivo

Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste: sou poeta.
Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento.

Atravesso noites e dias no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço, — não sei, não sei.
Não sei se fico ou passo.

Sei que canto.
E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo: — mais nada.

A palavra é preâmbulo

40 VANESSA

Cabotagem

Enlaçar a serra no olhar
cercar a cintura fina
vestir um véu de chuva
sobre a órbita vazia
deixar que a voz navegue
para o interior da chuva
sentir que tudo enfim
é circular é morte e vida
qualquer preâmbulo leva
ao ponto obscuro da partida
o sangue das flores
a casa agora fria
a bruma que me cerra
a voz um limbo nas estrelas
esta dor cinzenta e tão macia
ao deixar que a serra oculte
a lua o tempo o corpo
dunas musgosas na colina
e o dia a noite e a minha voz
e todas as coisas que foram
agora mesmo e assim seriam
voltem
ao princípio
e se unam na densa neblina
a não-existência apetecida
uma espiral que dobra o tempo
e ao fim de uma curva
a costa infinita
a mágica descida
o torpor o apagamento
como se orgânica imaterial

frondosa e perene cravada na telúrica
existência de uma terra muda.
(Autor desconhecido)

Palavra: Verso

41 INGE

Deixa o olhar do mundo
OLAVO BILAC

X
Deixa que o olhar do mundo enfim devesse
Teu grande amor que é teu maior segredo!
Que terias perdido, se, mais cedo,
Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganar! Mostra-me sem medo
Aos homens, afrontando-os face a face:
Quero que os homens todos, quando eu passe,
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio
Deste amor, que minha alma se consome
De te exaltar aos olhos do universo...

Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome,
Quase o revelo no final de um verso.

A palavra é estrelas



42 ANDREIA CRISTINA

A ESTRELA
Manuel Bandeira

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

A próxima palavra é: viajar

43 VANESSA

Viajar! Perder países!
Fernando Pessoa

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

A palavra é: Esmola



44 INGE

A esmola de Dulce
Augusto dos Anjos

E todo o dia eu vou como um perdido
De dor, por entre a dolorosa estrada,
Pedir a Dulce, a minha bem amada,
A esmola dum carinho apetecido.
E ela fita-me, o olhar enlanguescido,
E eu balbucio trêmula balada:
■ Senhora, dai-me u'a esmola - e estertorada
A minha voz soluça num gemido.
Morre-me a voz, e eu gemo o último harpejo,
Estendo à Dulce a mão, a fé perdida,
E dos lábios de Dulce cai um beijo.
Depois, como este beijo me consola!
Bendita seja a Dulce! A minha vida
Estava unicamente nessa esmola.

A palavra é melodia

45 MARIA DA GLÓRIA

"FOREVER YOUNG" (Pra sempre jovem)
banda Alphaville:

Vamos dançar com estilo
vamos dançar um pouquinho
o paraíso pode esperar
nós só estamos olhando o céu
torcendo pelo melhor
mas esperando o pior
afinal, você vai nos detonar ou não
nos deixe morrer jovens
ou viver pra sempre
não temos o poder

mas nunca dizemos nunca
brincando numa caixa de areia
a vida é uma viagem curta
e a música é pras pessoas tristes
você consegue imaginar
quando essa corrida acabar?
Nossos rostos bronzeados
virados pro sol
elogiando nossos líderes

Estamos entrando no esquema
e a música é tocada por loucos
pra sempre jovens
eu quero ser pra sempre jovem
você realmente quer viver pra sempre?
pra sempre e todo sempre
pra sempre jovem
você realmente quer viver pra sempre
pra sempre jovem

Alguns são como água
outros como fogo
uns são a melodia
outros são o ritmo
cedo ou tarde
todos terão virado poeira
porque não continuam jovens
é tão difícil ficar velho
sem um propósito
eu não quero ser sacrificado
como um cavalo inútil
a juventude é como um diamante ao sol
e os diamantes são eternos
tantas aventuras não aconteceram hoje
tantas canções esquecemos como tocar
tantos sonhos aparecendo do nada
nós os tornaremos realidade
pra sempre jovem
eu quero ser pra sempre jovem
você realmente quer viver pra sempre jovem
pra sempre e todo sempre
pra sempre jovem
eu quero ser pra sempre jovem

Você realmente quer viver pra sempre jovem
pra sempre e todo sempre
pra sempre jovem
eu quero ser pra sempre jovem.

A palavra é: música

46 MARIANNE

Procura da Poesia
Drummond de Andrade

Não faça versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faça poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
...

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro
são indiferentes.
Não me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha de espuma.

O canto não é a natureza
nem os homens em sociedade.
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,
não indagues. Não percas tempo em mentir.
Não te aborreças.
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas
tua sepultada e merencória infância.
Não osciles entre o espelho e a
memória em dissipação.
Que se dissipou, não era poesia.
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

A palavra é REDE



47 LEONARDO

A Areia e o Salto

A areia escorre pelos meus dedos
metáfora da vida que se vai
do passado só sobram alguns grãos grudados na palma
vãos guerreiros do tempo ...
O mar á frente gera novas ondas

nenhuma igual a que passou
a ampulheta não pode ser virada
se a vida é um jogo , não são nossas as regras.
As chances são sempre únicas
se aparecem outra vez
são apenas clones como somos nós
clones do que éramos na primeira vez
aparentemente idênticos , mas com cicatrizes diferentes.
O amor é uma dupla de trapezistas saltando vendados ...
sem rede esperando a segurança da mão do seu par ou a distância abissal da queda. Um
eterno revezamento entre barco e cais
enquanto um se aventura o outro é porto seguro
o momento da calmaria.
Saltar é preciso
mesmo que um salto preciso
precise de uma mão precisa
precisamente na hora exata.
Se tirarmos a venda da paixão
mutilamos mortalmente a emoção
saltos calculados não são amor
não possuem seu glamour , nem seu sabor.
Amar é pular sem olhar
é acreditar na sua convicção
ter sua própria e louca razão
mesmo que a platéia grite : Não !
Já subimos os degraus da torre
eles como por encanto se partiram impedindo nossa volta
já estamos vendados ...
A areia da ampulheta acabou
nosso tempo de escolhas se esvaiu
eu vou saltar ...
venha ...
(Leonardo Andrade)

A palavra é: altruísta

48 INGE

Gorjeios para um bem-te-vi
Ilka Brunhilde Laurito

Mal amanhã
e já me viste?...
— Bem-te-vi!

Saíste do sonho
em que eu jazia
ovo, ave e ninho?...

— Bem-te-vi!

E o que viste
na floresta labiríntica
em que a única árvore visível
é a de enigmas?...

Cantas para o sol
de graça,
pássaro altruísta?...

Eu,
eu pago o meu direito à voz.
e cobram-me:
a água,
a luz,
o ninho,
o alpiste.

Ai, bem-me-viste:
gorjeios meus
saem caríssimos.

Eu te abençoô,
irmão passarinho,
com as mãos franciscas
no espalmar das minhas:

— Bem-vistos sejam
os que só vêem
o que não é visto.

Tu não és o sabiá
que inspirou Gonçalves Dias.
Nem estou em outros mares
a entoar canções de exílio.

— Bem-te-vi!
O meu chão não é lá: é aqui.
Mas teu grito me anuncia
essa terra que tu viste
e que eu não vi,
de que sou expatriada.

— Bem-te-vi,
ah, que saudade!

Eu, também,
pássaro ativo,
me cumprio o dia a dia
sobre este aplainado tronco
de exaurida seiva
a que o lavor chama de mesa
e onde canto! CANTO!
o que bem ou mal
eu vejo.
Muito mais:
o que não vejo,
bem-te-vi.
Teu olho está no bico?...
O meu, nos dedos:
são eles que percorrem
as nervuras sensíveis
dos silêncios tangíveis
do meu grito:
— Bem-te-vida!

A palavra é solilóquio



49 JORGE NICOLAU

Solilóquio
Alexandra Malheiro

Acordo,
abrindo os olhos para a bruma
que se despedaça no horizonte azul,
ouvindo o áspero mar
que se roça nas rochas nuas
e sedentas do seu calor.

Quem me dera ser rocha e ser tocada por ele!
Olho o mar,
é lindo o sol que se esconde
por trás dele,
e lindos são os meus olhos,
que o seguem.

Dispo a alma do meu corpo
e entrego-me ao mar revolto –
antes assim!

O sol há-de acompanhar-me,
hei-de seguir o seu rasto,
dormir no seu leito quente, naufragar com ele...
Ah, perder pode ser ganhar,
o difícil é encontrar o caminho!...

A Palavra é: FINGIMENTO.



50 INGE

CADA VERSO QUE ESCREVO É SEM RAZÃO
Antoniél Campos

Se a esquiva é o desvão do fingimento,
o silêncio sugere o sim e o não.
Se a lembrança prepara o esquecimento,
cada verso que escrevo é sem razão.
Muito mal representa este momento;
o passado e o futuro, pouco então.
A distância do verbo ao pensamento
é-me acima a do claro à escuridão.
Já não sei o porquê do movimento
que se dá entre a pauta e a minha mão.
Se há gozo, confundo com o tormento
— duas faces da mesma sensação —.

Um poema não diz meu sentimento,
cada verso que escrevo é sem razão.

51 INGE

AUTOPSICOGRAFIA
Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

A PALAVRA É FRAGMENTOS



52 JORGE NICOLAU

FRAGMENTOS
ROLDÃO MENDES ROSA

Uma porta se abre
no beco só treva
■ que vulto é esse vulto
que leva nos ombros
o peso do tempo
carregado às cegas?

Não fosse eu tão fraco
e tão errante
e não me subiria aos olhos
a eternidade do instante;

não fosse eu tão raso

e tão disperso
e não me cresceria no ombro
o peso deste verso

ó guardador de rebanhos
quantas ovelhas guardastes?
quantos sonhos de menino
por montes apascentaste?

ó guardador de rebanhos
quanto choro não choraste
quanta lágrima escondeste
na manga do teu casaco!

ó guardador de meus dias
por que guardaste as palavras
por que silêncio te partes
tu que silêncio não tinhas?

Sentado, absorto,
à mesa nova,
o homem qual morto
prova e reprova
com o olho torto.

A palavra é: Redondel

53 JORGE NICOLAU

Redondel
Carlos Nejar

O coração se acrescenta
ao coração se acrescenta
a outro e senta sob a árvore
■ tudo tão nuvem entre
um coração e outro -
redondos os sins, os vãos,
a noite na concha
do coração, o pampa
e os corações sentados
e um coração voando.

Mudando, tudo é possível
recomeçar.

A Palavra é: Lisura

54 PEDRO VIVAS

Alienofisma

Não temo ser o que penso
Desculpem-me a LISURA
Temo mais não pensar no que sou
Descobrir num desses dias de minha vida
Pelos outros ou com os outros, o inimaginável:
Sou simplesmente o que querem que eu seja,
O que precisem que eu seja,
Sem que eu me conheça o bastante
Alienado de mim, evado a iludir
Para não saber de minhas poucas e frágeis defesas,
De meus muitos e fortes desejos,
De meu caminho neste instante que existe,
E assim, adormecida a minha alma e
Escravizada a minha mente,
Esqueça a minha razão de "To Be or not To Be"
Ainda que eu seja eu mesmo, enfim.
(Pedro Vivas)

A palavra é: Justiça



55 MARIANNE

"O Poeta Humaniza a Justiça" ·

Túlio Vargas

a próxima expressão é " folhas secas "

56 TÂNIA REGINA

Folhas secas

Folhas secas marcando a transformação...
Não é morte inerente, é o início de outra vida.
Como entender o recomeçar, o ciclo,
Tudo é muito linear... muito reto... muito perto.

A distância possibilita a reflexão,
A morte possibilita a reconstrução,
O ciclo possibilita a não finalização.
Tudo volta e retorna de outra maneira.

Folhas secas, vidas secas, reinício.
Em matéria orgânica vai se transformar
para uma outra vida poder recomeçar.
A vida é assim...

Fracassos são folhas secas que precisamos reconhecer,
São resultados que nos pegam de surpresa para o ciclo iniciar.
Acreditar no recomeço, acreditar na tentativa, acreditar no novo amanhecer,
Isso é folha seca a florescer !
(Tânia Regina)

A palavra é SAUDADE...



57 ELIANA FERREIRA

Meus Oito Anos
Casimiro de Abreu

Meus oito anos

Oh ! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!

■ Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

h ! dias da minha infância!
Oh ! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
■ Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo

E despertava a cantar!

Oh ! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais! .

A palavra é PERDIÇÃO



58 MARIA QUEIRÓZ

PERDIÇÃO

Pedro Paulo da Gama Bentes

Um soneto de amor é uma perdição!
Nele o coração e a alma desnudados,
Abrem-se totalmente e descuidados,
Entregam-se loucos a uma paixão!

Perdição para quem faz e quem os lê!
Pois amantes ali se vêem retratados,
Abraçados, possuídos e penetrados!
Como dizem nos versos, e ali se vê:

Que tudo o que se faz é muito pouco,
Diante do muito que se deseja fazer,
Ainda que de verdade muito louco...

Pois amar em versos é sempre assim:
Ama-se sempre como sempre a ter,
Certeza que nunca, nunca terá fim!

A palavra é ESPERANÇA

59 INGE

Luís de Camões

Acha a tenra mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aqueles gostos passados.
Um gosto que hoje se alcança,
Amanhã já não o vejo;
Assim nos traz a mudança
De esperança em esperança
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está receitando a morte!

A palavra é desejo



60 ANDRÉIA CRISTINA

DESEJO

Carlos Drummond de Andrade

Desejo a você,
fruto do mato,
cheiro de jardim,
namoro no portão,
domingo sem chuva,
segunda sem mau humor,
sábado com seu amor,

filme do Carlitos,
chope com amigos,
crônica de Rubem Braga,
viver sem inimigos,
filme antigo na TV,
ter uma pessoa especial,
e que ela goste de você,
musica de Tom com letra de Chico,
frango caipira em pensão do interior,
ouvir uma palavra amável,
ter uma surpresa agradável,
ver a banda passar,
noite de lua cheia,
rever uma velha amizade,
ter fé em Deus,
não ter que ouvir a palavra "não",
nem nunca, nem jamais adeus.
Rir como criança,
ouvir canto de passarinho,
salar de resfriado,
escrever um poema de amor que nunca será rasgado,
formar um par ideal,
tomar banho de cachoeira,
pegar um bronzado legal,
aprender uma nova canção,
esperar alguém na estação,
queijo com goiabada,
pôr-do-sol na roça,
uma festa,
um violão,
uma seresta,
recordar um amor antigo,
ter um ombro sempre amigo,
bater palmas de alegria,
uma tarde amena,
calçar um velho chinelo,
sentar numa velha poltrona,
ouvir a chuva no telhado,
vinho branco,
bolero de Ravel...
e muito carinho meu!

A próxima palavra é: SUAVIDADE

61 TÂNIA REGINA

SUAVIDADE

Suavidade de um olhar
contemplando no silêncio a tua imagem,
o seu jeito de ser, seus trejeitos, sua postura,
seu andar, seu ser, seu querer, seu sonhar !

Suavidade de duas mãos que se encontram num gesto de carinho,
buscando a intenção mais pura e mais intensa.
Buscando o sentido das sensações e das possibilidades,
Buscando o toque que faz renascer que faz se perder.

Suavidade de um sorriso que procura sua boca incentivar,
Demonstrando a alegria de um reencontrar, de um alcançar.
Energia fluindo do corpo em forma de prazer de viver.
Tentando manter a alegria dentro de cada sonhar, de cada relembrar.

Suavidade da manhã que inicia,
trazendo consigo a esperança de um dia melhor,
do encontro planejado, da ânsia de te ver.
Fazendo das horas uma ansiedade a mais para se controlar.

Suavidade da paixão intensa, imensa;
Suavidade do amor que insiste em dividir a vida, em complementar;
Suavidade de quem acredita que a felicidade está dentro de nós;
Suavidade de se viver com vontade de viver e ser feliz.
(Tânia Regina)

A palavra é... Silêncio



62 MARIA DA GLÓRIA

SILÊNCIO
Moacir Sader

Longe dos ruídos,
Posso ouvir os sons da natureza,
A cantiga do vento,
O sentir da vegetação,
As vozes dos animais.

Distante dos barulhos,
Consigo alcançar o silêncio,
O meu silêncio e
Viajar pelo meu interior,
Descobrimo os sinais,
Os vestígios da presença de Deus, revelados.

Em total silêncio,
Posso intuir as vozes dos anjos,
Dos mentores espirituais
E captar as mensagens,
Levando-me à sabedoria existencial.
Com extremo silêncio,
Escuto a voz de Deus a me tocar,
Tomando-me por inteiro,
Divinizando-me de intenso amor.
Quando em absoluto silêncio,

Ouço as batidas de meu coração,
Que estão a me dizer:
Nascemos para amar,
Unicamente amar,
Incondicionalmente a todos amar.
A palavra é NOSTALGIA

63 JORGE NICOLAU

NOSTALGIA
Anna Petraroli

C'e un silenzio dolce nell'aria
c'e la pace delle notti estive quanta dolcezza quanta nostalgia
Il cielo ricco di stelle la luna piena
il mio pensiero si riempie di un ricordo lontano
Chiudo gli occhi e mi appare il volto che ho tanto amato

A Próxima: SENSATEZ



64 INGE

Sensatez

Patrícia Clemente

Se eu fosse sóbria e séria, se sensata,
Do amor, tomava um trago a cada dia,
Com calma, em paz, em cálida alegria,
Se eu fosse sóbria, sim,
Isso eu faria.
Seu fosse sóbria e séria, se sensata,
Do cultos a verdade aceitaria,
Um bom pastor, não Deus pra ser meu guia,
Se eu fosse sábia, sim,
Eu buscaria.
Seu fosse sóbria e séria, se sensata,
Casada e gorda, comportada e fria.
Um mundo bom, o amor de uma família,
Se eu fosse séria, sim,
Eu já teria.
Mas a paixão não quer a sobriedade,
Nem seriedade sabe o coração,
E quem busca o calor da divindade
Não se consola com religião.
E não sou sóbria e séria e nem sensata,
Eu meço a hipocrisia dos contentes
E ao justo criador nada mais peço
Que a luz do Sol, pra me afiar os dentes

A palavra é preguiça

65 VANESSA

PREGUIÇA

Arnold Gonçalves

O esforço para o mínimo esforço
Aversão ao trabalho
Sonolência cerebral
Morosidade física
Desperdício de energia

Tem gente que tem preguiça
Só é vista onde há encosto
Não faz as mínimas coisas
Deixa seu ambiente contaminado

A sujeira de sua casa
A bagunça de seu trabalho

A desordem de seus cadernos
Refletem o estado de seu cérebro

Não percebem a ação do tempo
Sonham com grandes conquistas
Mas não fazem força para isso
Bocejam a vida a esmo

Coitado!
Morreu de quê?
Preguiça de viver.

A palavra é: GIRASSOL

66 MARIA QUEIRÓZ

O girassol
Vinicius de Moraes

Sempre que o sol
Pinta de anil
Todo o céu
O girassol
Fica um gentil
Carrossel.

O girassol é o carrossel das abelhas.

Pretas e vermelhas
Ali ficam elas
Brincando, fedelhas
Nas pétalas amarelas.

— Vamos brincar de carrossel, pessoal?

— "Roda, roda, carrossel
Roda, roda, rodador
Vai rodando, dando mel
Vai rodando, dando flor".

— Marimbondo não pode ir que é bicho mau!
— Besouro é muito pesado!
— Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!
— Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

— "Roda, roda, carrossel
Gira, gira, girassol

Redondinho como o céu
Marelinho como o sol".

E o girassol vai girando dia afora . . .

O girassol é o carrossel das abelhas.

A PALAVRA É: PÁTRIA



67 INGE

Elegia à Pátria Amada

Loresoni Barbosa

Sombreando a beira da estrada
passam os filhos bastardos
que a pátria mãe esqueceu,
buscam a parte que cabe
a cada cristão que vive
a semear no que não é seu.

São rudes homens no arado
mas por dentro mutilados
com vergas no coração,
pleiteando chão para enxada
que descansada faz covas
nos duros ombros do peão.
É sol que arde na cara
ressecando os sonhos pobres
desses eternos anejos,
é a chuva fria e calma
varando os forros da alma
que já tem tantos remendos.

Quando a noite abriga os sonhos
dos afilhados da sorte
nessas favelas rurais,
a Deus confiam suas preces,
pois logo o dia amanhece
e a estrada não se desfaz.

Num frágil rancho de lona,

o vento passa enticando
co'a chama da lamparina
que se ladeia faceira,
e atrás da rala cortina
uma doce lágrima rola
quando a parteira apara
mais um rebento pra vida.

É pena que outras bandeiras,
venham buscar nas vielas
votos sem terra e sem nome.
a inocência trai os pobres,
que empossam bandeiras nobres
empunhadas por algozes
que trocam trapos por ternos
e viram os pratos da fome.

Quem sabe n'outro poema
não mais veremos as cenas
que decompõem tristes versos
nesse louco amor transitório,
onde ambos vivem juntos,
a terra terna desnuda
sempre a esperar a muda
do beirador de alambrados.

Quando a poeira se levanta,
turbando as lágrimas puras
que regem as esperanças
dos moradores da estrada,
crianças põem-se a cantar,
tentando ensinar pra gente
que a terra no cio é a amante
que o semeador quer amar.

Mas as canções não tem asas
como as calandras cantoras,
ecoam pelas lavouras
mas morrem pelas calçadas.
São como a flor distraída
que nasceu linda pra vida
mas sufocou-se co'as nuvens
sem perfumar alvoradas.

Salve esses homens da estrada,
soldados sem farda
margeando o asfalto,
cruzando o Brasil,

cantando a pátria adorada
que não dá morada
a quem passa co'arado
a enxada e o canzil.

Pois é tempo de sementeira,
de terra nua, esperança
do peão que nunca se cansa
esperando o solo e o grão.
Menos mal que Deus habita
pelas mingradas marmitas
desses humildes artistas
que pintam sonhos no chão...

A palavra é Tupi



68 JOSÉ TADEU

"Tupi or not to tupi that is the question"
Oswald de Andrade

A palavra é :mortais

69 INGE

(Gonçalves Dias).

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,

Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos inimigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixa-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

70 INGE

DE RERUM NATURA

Marco Lucchesi

Alheios ao destino
dos mortais

além das nuvens
claras e sombrias

vivem os deuses
raros nas alturas

livres de enganos
dores nostalgias

da morte vil
que aos poucos nos invade;

da chuva de átomos
em que se evade

indefinidamente
a natureza

em sua eterna
mas avara empresa

de reunir
os átomos-enxame

seguindo a força rude
do cliname,

compostos provisórios

que se desfazem
noutros repertórios:

estrelas, águas
nuvens, tempestades,

cristais, abelhas,
glórias ou cidades,

e flores, pedras
corpos, consciências

– figuram
como pálida aparência ...

e acima desse
mundo sempre em guerra

acima
da miragem dessa terra

repousam
esquecidos nos meatos

mais livres
os celestes, mais beatos

A palavra é calidez

71 MARIA QUEIRÓZ

A pomba para o cheina
Autores Africanos - Do Rovuma ao Maputo
Sebastião Alba no livro "A noite dividida", Edições 70, Lisboa 1981

Pontos de vista
entrecruzam as balas
e nós ensaiamos a pomba
desenhando-a encurvando-lhe
o dorso antes do vôo
largando-a no prisma puro
dos olhares da multidão
Logo uma estrela fugaz
se lhe cola ao bico
Rodopiará no céu entre colunas
colossais de cogumelos
e sóis que a inflectem
mas bem aninhada no oco
habitáculo de penas
com a chave em nossa mão.

A PALAVRA É UNIÃO

72 JORGE NICOLAU

A FORÇA DA UNIÃO

Chico Calda (calda@ronet.com.br)

Companheiro que tens agora
Estes meus versos à mão
Não os leia só com os olhos
Mas também com o coração
Neles eu tento mostrar
O que se pode ganhar
Com a força da união

A união faz a força
Diz o dito popular
O peso que um não levanta
Dois conseguem levantar
Um só a luta não faz
Por isso cada vez mais
Vamos unidos lutar

Vamos unir nossas forças
Vamos todos dar as mãos
Defender nosso direito
E garantir nosso pão
Vamos ser homens honrados
Não vamos ficar parados
Tendo medo de patrão

Eles podem ter dinheiro
Ter poder e posição
Contudo não têm a força
Que tem uma multidão
Organizada e ordeira
Mas empunhando a bandeira
Com amor e convicção

Dizem que uma andorinha
Sozinha não faz verão
Analise esse ditado
Consulte seu coração
Passe para o nosso lado
Você também é explorado
Pela gana do patrão

O mar essa imensidão
Que tanto poder encerra
É o resultado dos pingos

Da chuva que cai na terra
É a união dos riachos
Que descendo rio abaixo
Nasceu lá no pé da serra

Uma formiga isolada
Sozinha não vai avante
Muitas formigas unidas
Devoram um elefante
Numa prova que a união
Feita com organização
Só vai nos levar adiante

Outro exemplo que podemos
Retirar da natureza
São as abelhas que dão
Com união e destreza
Que do mais amargo fel
Produzem o doce mel
Isento de impureza

Por isso eu o convido
A uma reflexão
O que dar mais resultado
Na sua opinião:
Ser um trabalhador honrado
Por todos admirado
Ou pelego de patrão?

Alguém pode até pensar
Em ganhar uma promoção
Desprezando os companheiros
Ficando com o patrão
Fique de logo avisado
Com certeza o resultado
É a total rejeição

Não seja como a hiena
Que ri da miséria alheia
Covardia e peleguismo
São qualidades tão feias
Que quem assim se comporta
Pra mim é pessoa morta
Não vale um grão de areia

Até os insetos lutam
Defendendo seu espaço
Seja mais que um inseto

Venha trazer o seu braço
Mostrando que tem valor
Morrer se preciso for
Mas unidos num abraço

Faça com que o seu filho
Se orgulhe do pai "(e mãe)" que tem
Você sendo um homem honrado
Ele o será também
Lute pelo seu direito
Seja um exemplo perfeito
De um trabalhador de bem

Unam-se meus companheiros
Formem uma só corrente
Se algum elo fraquejar
Recupere-o de repente
Mostre-lhe que a união
É a maior impulsão
Para a vitória da gente.

A Próxima: Lágrima.



73 INGE

Poesias de Nizar Qabbani

"Meu filho coloca à minha frente sua caixa de tintas
E pede que eu lhe desenhe um pássaro...
Embebo o pincel na cor cinza
E desenho-lhe um quadrado com um cadeado... e barras
Meu filho me diz, e o espanto preenche seus olhos:
'Mas isso é uma prisão...
Meu pai, não sabes desenhar um pássaro?'
Digo-lhe: 'Meu filho... não me leves a mal
De fato esqueci a forma dos pássaros'
Meu filho coloca à minha frente sua caixa de lápis

E pede que eu lhe desenhe um mar...
Apanho um lápis
E lhe desenho um círculo negro...
Meu filho me diz:
'Mas isso é um círculo negro, meu pai...
Não sabes desenhar um mar?
Não sabes que o mar é azul?'
Digo-lhe: 'Meu filho,
Em meu tempo era perito em desenhar mares
Quanto a hoje... Levaram meu anzol
E o barco pesqueiro
Proibiram-me o diálogo com a cor azul
E de fisgar o peixe da liberdade'
Meu filho coloca à minha frente um caderno
E pede que eu lhe desenhe uma plantação de trigo
Apanho a caneta
E desenho-lhe um revólver
Meu filho debocha de minha ignorância nas artes plásticas
E diz surpreso:
'Não conheces a diferença entre o trigo e o revólver?'
Digo-lhe: 'Meu filho,
No passado conhecia a forma do trigo
Do pão e da rosa
Mas neste tempo metálico
Em que as árvores da floresta se uniram
Aos homens das milícias
E em que a rosa passou a vestir roupas camufladas
No tempo das espigas armadas
Dos pássaros armados
Da cultura armada
E da religião armada...
Não há pão que eu compre
Que não contenha um revólver
Não há flor que eu colha no campo
Que não aponte um revólver para minha face
Não há livro que eu compre
Que não venha a explodir entre meus dedos...'

Meu filho senta-se na borda da cama
E pede que eu lhe recite um poema
Uma lágrima minha cai no travesseiro
Ele a apanha perplexo e diz:
'Mas isso é uma lágrima, meu pai, não um poema'
Digo-lhe:
'Quando cresceres, meu filho,
E leres uma antologia de poesia árabe
Saberás que a palavra e a lágrima são irmãs
E que a poesia árabe

Nada mais é do que uma lágrima que emerge dentre os dedos'
Meu filho coloca à minha frente suas canetas e sua caixa de tintas/ E pede que eu lhe
desenhe uma pátria
O pincel estremece em minha mão...
E caio chorando...

A palavra é equilibrista

74 MARIA DA GLÓRIA

O bêbado e o Equilibrista
(João Bosco/Aldir Blanc) Elis Regina

"Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos
A lua tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel
E nuvens lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco louco! O bêbado com chapéu torto
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil
Meu Brasil que sonha
Com a volta do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora, a nossa pátria-mãe gentil
Choram Marias e Clarices
No solo do Brasil
Mas sei que um amor assim pungente
Não há de ser inultimamente
A esperança
A dança da corda-bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha pode se machucar
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista tem que continuar "

A palavra é: Epílogo



75 INGE

O Flirt

Olegário Mariano

Retirei um breve instante
Das minhas cogitações,
Para falar-vos do Flirt,
A epidemia elegante
Dos salões.

Nasce de um sorriso mudo,
De um quase nada que, enfim
Vale tudo
Para elas e para mim.

O Flirt. Haverá no mundo
Quem não sinta essa embriaguez
De um momento, de um segundo,
De quinze dias, de um mês?

Ele é efêmero e fortuito,
Vale pouco ou vale muito,
Conforme o Diabo o compôs.
É um simples curto-circuito
Entre dois.

Uma carícia inflamável
Doidinha por incendiar,
Um micróbio insuportável
Que vai de olhar para olhar.

Ou antes: um precipício
Que a gente olha sem pavor.
O divino instante, o início
Do êxtase imenso do amor.

Um galanteio, uma frase
Intencional
Que sendo frívola, é quase
Um madrigal.

A mão que outra mão afaga,
O pé que pisa outro pé.
Carícia lânguida e vaga...
Só quem ama e quem divaga
Pode saber o que isto é.

A orquestra soluça um tango:
Dois. Ela folle, ele fou.
Flor de Tango. — A flor de Tango,
Diz ele baixinho, és tu.

E assim vai num tal crescendo,
Que ela se debate em vão.
Parece que está morrendo
Nos braços do cidadão.

Quando passa o áureo momento,
Vem a tragédia em três atos.
Três atos
Com um epílogo. Depois,
Um noivado, um casamento,
Um bruto arrependimento
E ao fim divórcio entre os dois.

A palavra é dossel

76 VANESSA

As duas Ilhas

Castro Alves

O silêncio e a solidão
— Sob o **dossel** do infinito —
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o teto dos ares
Dois gigantescos perfis...
Olhando por sobre as vagas,
Atentos, longínquas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
E a sós murmura: "O que é?
Ai! que atalaias gigantes,
São essas além de pé?!..."
Adamastor de granito
Co'a testa roça o infinito
E a barba molha no mar;
É de pedra a cabeleira
Sacudind'a onda ligeira
Faz de medo recuar...

São — dous marcos miliários,
Que Deus nas ondas plantou.

Dous rochedos, onde o mundo
Dous Prometeus amarrou!...
— Acolá... (Não tenhas medo!)
É Santa Helena — o rochedo
Desse Titã, que foi rei!...
— Ali... (Não feches os olhos!...)
Ali... aqueles abrolhos
São a ilha de Jersey!...

São eles — os dous gigantes
No século de pigmeus.
São eles — que a majestade
Arrancam da mão de Deus.
— Este concentra na fronte
Mais astros — que o horizonte,
Mais luz — do que o sol lançou!...
— Aquele — na destra alçada
Traz segura sua espada
— Cometa, que ao céu roubou!...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudário também...
E o mar pergunta espantado.
"Foi deveras desterrado Buonaparte — meu irmão?...
" Diz o céu astros chorando:
"E Hugo?..." E o mundo pasmando
Diz: "Hugo... Napoleão!..."

Como vasta reticência
Se estende o silêncio após...
És muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróis...
Sim! que estes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de medo
Se a sombra de algum rochedo
Sobre eles se projetou!...

Dizem que, quando, alta noite,
Dorme a terra — e vela Deus,
As duas ilhas conversam
Sem temor perante os céus.
— Jersey curva sobre os mares
À Santa Helena os pensares
Segreda do velho Hugo...

— E Santa Helena no entanto
No Salgueiro enxuga o pranto
E conta o que Ele falou...

E olhando o presente infame
Clamam: "Da turba vulgar
Nós — infinitos de pedra
— Nós havemo-los vingar!. . .
" E do mar sobre as escumas,
E do céu por sobre as brumas,
Um ao outro dando a mão... Encaram a imensidade
Bradando: "A Posteridade!...
" Deus ri-se e diz: "Inda não!. . ."

A palavra é: BALUARTE



77 JORGE NICOLAU

"Ilha de Moçambique"
Neves e Sousa (Angola)

Ilha de oiro e angustia
Feita de sol e de prata
Marfim talhado em relíquias
Cobre batido do vento
Num moinho de saudades.

Fortaleza escancarada
A memórias esquecidas...

Senhora do Baluarte velando
As brancas velas do Canal.

Sermões de S. Francisco Xavier
Guardados nas rochas de coral.

Riquexos vagueando ao sol
Branças praias sonolentas
Enfeitadas de saris e cofios

Brancos, pretos, encarnados

E rostos cor da verdade
De viver num monumento
De prata, de oiro e de cobre
Cobre batido do vento...

Portico dos sonhos, momento
de índias descobertas e vencidas
Monumento, monumento,
De memórias esquecidas...

Além-portas de marfim
Paredes meias com a História
Dentro da fama e memória
Para que nela sempre fique
A Ilha de Moçambique.

Próxima: Ruga



78 VANESSA

O velho do espelho

Apontamentos de História Sobrenatural,
Porto Alegre, Editora do Globo, 1976.

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem è esse
Que me olha e è tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... è cada vez menos estranho...
Meu Deus, meu Deus... Parece
Meu velho pai - que já morreu!
Como pude ficarmos assim ?
Nosso olhar - duro - interroga:
"O que fizeste de mim?!"
Eu, Pai ?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, **ruga a ruga**... Que importa? Eu sou, ainda,
Aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra.
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

A próxima palavra é: LANTERNA

Máquina breve

Cecília Meireles

O pequeno vaga-lume
com sua verde lanterna,
que passava pela sombra
inquietando a flor e a treva
— meteoro da noite, humilde,
dos horizontes da relva;
o pequeno vaga-lume,
queimada a sua lanterna,
jaz carbonizado e triste
e qualquer brisa o carrega:
mortalha de exíguas franjas
que foi seu corpo de festa.

Parecia uma esmeralda
e é um ponto negro na pedra.
Foi luz alada, pequena
estrela em rápida seta.
Quebrou-se a máquina breve
na precipitada queda.
E o maior sábio do mundo
sabe que não a conserta.

A próxima palavra é: ESDRÚXULO



80 INGE

Adélia Prado

A poesia me pega com sua roda dentada,
me força a escutar imóvel
o seu discurso esdrúxulo.
Me abraça detrás do muro, levanta
a saia pra eu ver, amorosa e doida.

A palavra é ombro



81 VANESSA

POSSE

Bernadete Lyra

Ainda noite
chega-me à cama
a poesia.
Tange-me a veia
prende meus dedos
sobe-me ao ventre.
Destranço as pálpebras
no rosto espanto
ponho, de pó.
Todos os dias, ainda noite, destranço as pálpebras.
Cola-se ao corpo
tonto de sono
a poesia.
Desnuda o ombro
adere à pele
busca-me a anca
cose seu dente
na carne. E o dia
no espelho côncavo
se delineia.

Deixa-me os ossos
rogo e suplico.

Rói-me o esqueleto
morde meus dedos
arranca a pele
suga-me a veia
fere-me a anca
rasga meu ventre
devora a carne
atinge o cerne
a poesia
enquanto o dia
no espelho côncavo
se delineia.

A próxima palavra é: SINTONIA

82 JORGE NICOLAU

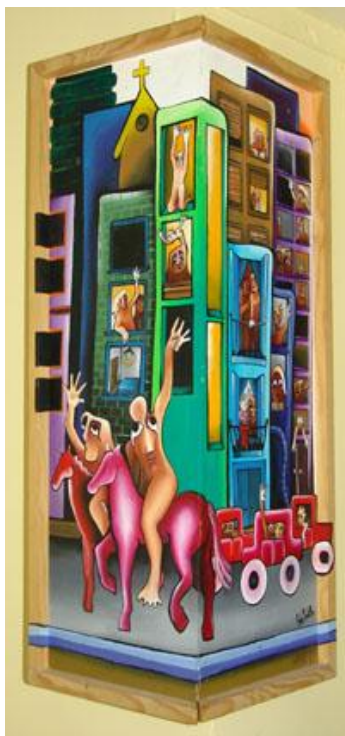
A MAIS BELA SINFONIA

http://poemas-de-amor.net/a_mais_bela_sinfonia

Tu serás a única,
O meu brilho em mim,
O meu desatino,
Quando tudo fica,
Mais perto do fim,
Na sinfonia de um hino!
És a minha primavera ansiada,
O meu arco-íris no horizonte,
Todo o meu querer,
A minha sonhada amada,
O meu momento presente,
O meu perfume de mulher!
O meu sonho na imaginação,
Toda a minha realidade,
A minha eterna constelação,
O meu olhar na verdade!
Todo o meu sonho,
A mais bela sinfonia,
O meu fluxo de amor,
Na paixão que por ti tenho,
Nesse olhar de pura magia,
O meu eco no clamor!
O meu destino,
O momento em ti,
O meu eternamente,

Neste espaço pequenino
Em que eu me perdi,
No teu olhar perdidamente!

A Próxima é PINTURA



83 JORGE NICOLAU

Pintura

http://paginas.terra.com.br/arte/cordel/poesia_d.htm#Pintura

Quero pintar um quadro colorido,
Que represente toda minha vida;
A infância e as idades seguidas,
Pra alguém olhar e ficar comovido.

Vou pintar borboletas amarelas,
Pedras e serras que eu percorri,
Flores e rosas cujo cheiro senti,
Yudo diante de minha janela.

No canto haverá uma igreja,
Com luzes e imagens reluzentes,
Os amigos juntos em sua frente,
Orando pela paz que se almeja.

Noutro canto estarão os meus sonhos,

Representados por um passarinho,
Que mostrará todo o meu carinho,
Naquele lugar aonde eu os ponho.

Acima, colocarei minhas certezas,
Interligando-se com todas as imagens;
As dúvidas serão no meio uma mostragem,
Que darão ao quadro uma maior beleza.

Quero que seja uma pintura alegre,
E que deixe a todos as boas lembranças;
Que alimente novas esperanças,
Pois todo dia nossa vida segue.

A Palavra é: EUFORIA

84 INGE

No Colo da Poesia
Zena Maciel

Brinco no colo da poesia
Excito-me com as letras em euforia
Rodopio com as fantasias
Faço uma seresta no coração

Engravidado as palavras de sonhos
Bebo rimas risonhas
Vôo nas asas de um poema
de versos pintados de estratagemas

Acordo nos braços do paraíso
com a boca cheia de sorrisos
sedenta do néctar do lirismo
de um soneto de amor

Bato palmas para as loucuras
Visto-me com as diabruras
do irresistível verbo amar
Ponho-me a sonhar!

Sonho que sou a primavera
Imantada de carnívoras flores
Esqueço antigas dores
beijo a boca da paixão!

A palavra é tropicais

85 JORGE NICOLAU

O OUTRO BRASIL VEM AÍ
Gilberto Freyre

Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.

O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados
terá as cores das produções e dos trabalhos.

Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças
terão as cores das profissões e regiões.

As mulheres do Brasil em vez das cores boreais
terão as cores variamente tropicais.

Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.

Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil

lenhador

lavrador

pescador

vaqueiro

marinheiro

funileiro

carpinteiro

contanto que seja digno do governo do Brasil

que tenha olhos para ver pelo Brasil,

ouvidos para ouvir pelo Brasil

coragem de morrer pelo Brasil

ânimo de viver pelo Brasil

mãos para agir pelo Brasil

mãos de escultor que saibam lidar com o barro forte e novo dos Brasis

mãos de engenheiro que lidem com ingriesias e tratores europeus e norte-americanos a
serviço do Brasil

mãos sem anéis (que os anéis não deixam o homem criar nem trabalhar).

mãos livres

mãos criadoras

mãos fraternais de todas as cores

mãos desiguais que trabalham por um Brasil sem Azeredos,
sem Irineus

sem Maurícios de Lacerda.

Sem mãos de jogadores

nem de especuladores nem de mistificadores.

Mãos todas de trabalhadores,
pretas, brancas, pardas, roxas, morenas,
de artistas
de escritores
de operários
de lavradores
de pastores
de mães criando filhos
de pais ensinando meninos
de padres benzendo afilhados
de mestres guiando aprendizes
de irmãos ajudando irmãos mais moços
de lavadeiras lavando
de pedreiros edificando
de doutores curando
de cozinheiras cozinhando
de vaqueiros tirando leite de vacas chamadas comadres dos homens.
Mãos brasileiras
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
tropicais
sindicais
fraternais.
Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
desse Brasil que vem aí.

Próxima é: Romana

86 INGE

Cabecinha romana de Milreu
Jorge de Sena (Quinze Poetas Portugueses do Século XX)

Esta cabeça evanescente e aguda,
tão doce no seu ar decapitado,
do Império portentoso nada tem:
Nos seus olhos vazios não se cruzam línguas,
na sua boca as legiões não marcham,
na curva do nariz não há os povos
que foram massacrados e traídos.
É uma doçura que contempla a vida,
sabendo como, se possível, deve
ao pensamento dar certa loucura,
perdendo um pouco, e por instantes só,
a firme frieza da razão tranqüila.
É uma virtude sonhadora: o escravo
que a possuía às horas da tristeza

de haver um corpo, a penetrou jamais
além de onde atingia; e quanto ao esposo,
se acaso a fecundou, não pensou nunca
em desviar sobre si tão longo olhar.
Viveu, morreu, entre as colunas, homens,
prados e rios, sombras e colheitas,
e teatros e vindimas, como deusa.
Apenas o não era: o vasto império
que os deuses todos tornou seus, não tinha
um rosto para os deuses. E os humanos,
para que os deuses fossem, emprestavam
o próprio rosto que perdiam. Esta
cabeça evanescente resistiu:
nem deusa, nem mulher, apenas ciência
de que nada nos livra de nós mesmos.

A palavra é paciência



87 MARIANNE

Carta da "paciência" de Osho:

Osho Zen: The Diamond Thunderbolt Chapter 10

Nós nos esquecemos de como esperar; este é um espaço quase abandonado. No entanto, ser capaz de esperar pelo momento certo é o nosso maior tesouro. A existência inteira espera pelo momento certo. Até as árvores sabem disso -- qual é o momento de florescer, e o de deixar que as folhas caiam, e de se erguerem nuas ao céu. Também nessa nudez elas são belas, esperando pela nova folhagem com grande confiança de que as folhas velhas tenham caído, e de que as novas logo estarão chegando. E as folhas novas começarão a crescer.

Nós nos esquecemos de como é esperar: queremos tudo com pressa. Trata-se de uma grande perda para a humanidade...

Em silêncio e à espera, alguma coisa dentro de você vai crescendo -- o seu autêntico ser. Um dia ele salta e se transforma numa labareda, e a sua personalidade inteira é estilhaçada: você é um novo homem. E esse novo homem sabe o que é uma cerimônia, esse novo homem conhece os sumos eternos da vida.

Próxima palavra é CLARIVIDÊNCIA

88 JORGE NICOLAU

CLARIVIDÊNCIA

Autora: Márcia Maia, Recife/PE, médica, escritora e poeta

O que persiste é toda a imensidão do nada
quando em si compreende o mundo inteiro

O que passou e se esqueceu
e o que esquecido foi sem ter passado

no meio desse nada resto eu
nem perdida nem atônita nem cansada

poderia embriagar-me mas não hoje
que de tanta lucidez de mim me perderia

opto pois pelo silêncio cúmplice da escrita
e deixo que em mim mergulhe a noite

A palavra é: MÁGOAS



89 VANESSA

Mágoas na despedida
Lourdes da Costa Alves

Mesmo matando-me! Espero que sejas feliz!
Que o sorriso seja constante em seu viver
Sinta-se livre das ilusões, que tanto mal causaram a ti.
Mas disse um dia, serem teus sonhos reais!
Mesmo negando, acreditei!
Desculpe-me se o fiz sofrer. Penso que não.
Pois te dediquei o meu mais puro e eterno amor.
Hoje sei que felicidade para ti,
É ter-me longe do teu coração.
Sendo assim espero...
Que encontre felicidade que almejas, em um novo amor.

Quanto a mim, não se preocupe.
Tentarei ser feliz! Serei feliz...
Mágoas? Muitas houve!
Mas com o amor que a mim dedicavas,
Apagaram-se ao longo dos anos.
Apenas uma nunca se apagará...
A despedida em forma de versos tristes.
O amor vivido, jamais será esquecido!
Momentos felizes, que em teus braços abrigou-me...
Amou-me! Guardarei no meu coração, em lugar especial.
Pois para mim, esse amor será para sempre eterno.
Tu não serás esquecido, não morrerás!
Mesmo que um novo amor eu venha a encontrar.
Os versos que a ti dediquei, por mim sempre serão relidos...
Até que se tornem apenas lembranças. Saudades!
De um amor vivido.

Próxima palavra: chaleira

90 INGE

(Marlon Schirrmann)

O perecer desta longa madrugada
Procuro meus pensamentos a galope
E garimpando no suspiro da sorte
Encontrar a minha chinoca tão amada

Ao longo deste campo de várzea inóspita
Encontro ideologias neste chão
Forjado na base da espada e do canhão
Tudo pela forma de governo imposta

Meu cansado zaino carrega em seu lombo
O grande fardo recôndito da vida
Que laborar aqui nesta terra é tida
Sem a característica do abandono.

Foi da poeira deste meu Rio Grande
Que constitui minhas longas quimeras
Dentro de longínquas e belas taperas
Da campesina xucra me fiz amante

Naquela velha chaleira esquento água
Pra fazer o meu velho e parceiro amargo
Num Bueno circulo de amigos largo
Pelas trovas afora eu deito minhas mágoas

O fogo deixa queimada a lenha tristonha
No fim de uma cansativa tarde campeira
Feitas estas minhas lidas de forma ordeira
Pelos alambrados vejo a aurora medonha

Inicia aqui a noite estrelada e fria
Recolho meu ser próximo ao candeeiro
Esquentando a mão de um gaúcho faceiro
De terminar mais um dolorido dia

Novamente a madrugada se aproxima
Esta saudade insistente aqui retorna
Mas sem tu chinoca minha vida é morna
Tuas antigas lembranças me atormentam.

a próxima palavra é café



91 MARIA DA GLÓRIA

O RITUAL DO CAFÉ
ILONA BASTOS

Estampa-se o sol em delicados raios
Sobre o mármore branco e liso da cozinha.
Suavemente me debruço e uma porta abro,
Recolho a chávena fina e o florido prato.
Ergo o meu braço e num vôo livre,
No gesto de um armário desvendar,
Recolho o nobre pó de inebriante aroma.
Alongo a mão que a gaveta encontra,
E dela escolho, enfim, a colher mais bela,
Brilhante, pequena, com terno recorte.
Tudo coloco em ordem e harmonia:
O prato tranqüilo e a expectante chávena,
Nesta, o torrado grão moído, de castanho intenso.
No açúcar rico, centro o meu cuidado,
A montanha branca transportando, pura,
Em bojuda prata que doce se inclina.
E luzem cristais em cascata linda!
Depois, a água borbulhante, quente,
A mistura inunda, dissolvendo-a
Em espirais de espuma que a colher adorna.

Café! Café! Precioso encanto!
Em dégage devant te cumprimento,
Os meus braços lanço em acolhimento grato.
Da janela aberta me acerco então.
Tão bela é a vista que o Outono pinta no jardim!
Castanho da terra e verde das plantas unem-se
À água que brilha em bebedouro antigo.
Aspiro, feliz, da manhã tranqüila, o seu odor
A quente café e à relva orvalhada.
Olho o céu e sorvo um gole, outro e outro.
E assim me quedo, por instantes longos.
Entre o prazer forte do café e a doçura da manhã
Mais um dia de vida se inicia!

A palavra é CÍTRICO



92 JORGE NICOLAU

EDRA E AREIA

Edimo Ginot

Publicado no site recantodasletras.com.br - (em 18/02/2005)

Queria fazer uma poesia singela
pura e lírica - uma poesia bela
que transpirasse o que a alma revela
que parecesse um quadro, uma tela

mas não sou lírico nem puro
sou crítico, cítrico, impuro
não tenho métrica, nem rumo
do limão azedo, o sumo

não tenho a sutileza dos poetas
e o vento é só o ar em movimento
no mar não há Netuno nem sereia
e a lua pra mim, é só pedra e areia

A próxima é: Perfeição

93 INGE

Perfeição...

è a brisa soprando leve por entre os meus ombros

é o por de sol do Sul, ou do pão de açúcar, e o Cristo de braços abertos a me indagar...

é a melodia suave de uma voz amiga me dizendo onde ir..

é o toque suave, quase imperceptível num beijo que deixo em tuas mãos...

é esta embriagues que me toma de assalto e me mostra como amo tudo ao redor..

é essa certeza de que mesmo com tantas sombras e desesperanças jamais vou desacreditar do amor, porque amo, amo sim todos vocês.

(Inge Christmann - 03/06/2006)

A palavra é existir

94 MARIA DA GLÓRIA

VIVER OU EXISTIR

LUIZ MAIA.

<http://www.encantosepaixoes.com.br/poesia2762.html>

Um dia eu pude perceber que existe uma enorme diferença entre ver e enxergar, ter e ser, ouvir e escutar, andar e caminhar, desejar e querer. Descobri também que viver e existir são coisas inteiramente distintas. Algumas palavras podem ter o mesmo sentido ou finalidade quando incluídas em uma oração qualquer, parecendo a muitos uma questão de semântica ou de palavras afins. Mas de fato há uma sutil distância entre entender e captar a essência daquilo que nos foi mostrado. Os fatores subjetivos, aquilo que está subliminarmente compreendido, precisam ser melhor interpretados por quem não consegue enxergar o âmago daquilo que foi exposto. Ninguém menospreze a força do "oculto" que reside nas "entrelinhas", por exemplo. Portanto, quando alguém fala que viu não significa dizer que enxergou o que deveria. Há distâncias infundas aí. Quando andamos não quer dizer, necessariamente, que caminhamos. Andamos às vezes sem ter o menor objetivo traçado, sem nenhuma meta a ser atingida. E ao ouvirmos um som qualquer não implica jamais em afirmarmos que escutamos. Escuta aquele que sente, aquele que busca ouvir o que não foi dito; o que ficou implícito. Há muita gente ouvindo por aí sem escutar absolutamente nada. Esses pequenos exemplos nos remetem à seguinte reflexão: Viver e Existir são fatores completamente opostos. Existir é o mesmo que passar pela vida sem tê-la vivido de forma correta e intensa. Aquele que apenas existiu esqueceu de se fazer presente no livro da história, digna e plenamente. Simplesmente passou despercebido. É lamentável vir ao mundo e ter perdido a chance de ter vivido satisfatoriamente. Viver é realizar-se plenamente, sempre voltado às ações que engrandecem o ser humano. Vive aquele que se sente parte integrante do Universo. Vive quem faz de tudo para ver a alegria estampada na face do outro. Viver é sentir prazer em amar a Deus acima de todas as coisas.

Vive quem ama e respeita a natureza e todas as formas de vida. Vive quem pratica só o bem. Viver é amar sempre, sempre! Vive aquele que estende a mão ao amigo que necessita. E é certo que quando estendemos a mão ao nosso irmão, Deus nos estende a d'Ele de imediato. Viver e Existir são diferentes em essência.

A palavra é: Dedicção

95 INGE

Dedicção
Marcelo Batalha

Fico em casa, aguardo um telefonema
Um cinema, restaurante, saidinha.
Sendo a minha esperança derradeira,
Fico à beira do abismo da vontade.
Como um frade, celibato dedicado,
Mal pensado, por alguém que nem conheço.
Deus mereço essa mulher tão sonhada?
Mas que nada! Nunca olhou para mim...
Vago, enfim, com a fome do carinho
No meu ninho, recolhido e insaciável
E, o que é provável, à espera de ninguém
O meu bem não tem nome, fico à míngua.
Minha língua se transforma em muita tinta:
No que pinta à mente, boto forma e cor.
E o amor que novamente respiro, e onde navego,
Deixa-me cego aos desígnios da razão.
Uma paixão me arrasa, me inspira;
É minha lira, o poema revelado.
Coitado de quem nunca a descobriu!
Jamais sentiu seu coração em brasa...

A palavra é homem

96 MARIA QUEIROZ

Homem Comum
(Brasília, 1963)

Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.
e a vida sopra dentro de mim
pânica feito a chama de um maçarico
e pode subitamente
cessar.

Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas
rostos e mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia
em Pastos-Bons

defuntas alegrias flores passarinhos
facho de tarde luminosa
nomes que já nem sei
bandejas bandeiras bananeiras
tudo misturado
essa lenha perfumada
que se acende
e me faz caminhar
Sou um homem comum
brasileiro, maior, casado, reservista,
e não vejo na vida, amigo,
nenhum sentido, senão
lutarmos juntos por um mundo melhor.
Poeta fui de rápido destino.
Mas a poesia é rara e não comove
nem move o pau-de-arara.
Quero, por isso, falar com você,
de homem para homem,
apoiar-me em você
oferecer-lhe o meu braço
que o tempo é pouco
e o latifúndio está aí, matando.

Que o tempo é pouco
e aí estão o Chase Bank,
a IT & T, a Bond and Share,
a Wilson, a Hanna, a Anderson Clayton,
e sabe-se lá quantos outros
braços do polvo a nos sugar a vida
e a bolsa
Homem comum, igual a você,
cruzo a Avenida sob a pressão do imperialismo.
A sombra do latifúndio
mancha a paisagem
turva as águas do mar
e a infância nos volta
à boca, amarga,
suja de lama e de fome.

Mas somos muitos milhões de homens
Comuns e podemos formar uma muralha
com nossos corpos de sonho e margaridas.

97 JORGE NICOLAU

"PLANTAÇÃO"

José Henrique (pseudônimo Tanutus) – RJ

O agricultor matou a FOME com um naco de terra
E protegeu-se do frio com um cobertor de vermes.
Não tinha terra; agora, ele era a terra.
E no buraco que a espingarda cavara em seu peito
Fincaram-se as raízes da miséria e do desespero

Seu sangue, ainda quente, irrigou a lavoura
E fez brotar as flores horrendas
De frutos que não matam a fome.
Sua carne, mesmo que pouca, adubou as plantas
E deu-lhes a palidez mórbida
Do triste fim de seu cultivo.

Novos agricultores vão chegando
Para também fincar raízes naquele latifúndio.
Novos agricultores vão chegando,
Para saciar a mesma fome de terra.
Novos agricultores vão chegando;
São iguais na busca e também no destino
De cair sempre nas garras da mesma fera.

E a cada novo estampido de tiro
Vê-se mais uma semente na plantação de homens.

A próxima: DOR



98 ANDRÉIA CRISTINA

Antes de Ir

Antes de dormir eu quero escrever,
Nem que sejam linhas sofridas
Tiradas à força do fundo do ser
Enganando a si, escondendo feridas.

Sofro sim, sofro assim.
Diante do espelho da vida
Encontro a face do que falta em mim.

Insegurança é a palavra que ecoa
Ruidosamente na mente ecoa...

Marcelo Leal Limaverde Cabral
(escrita em 04/10/2001)

A próxima palavra é velhice

99 MEL RIBEIRO

Aposentada

Alguém disse que estava a se acomodar.
Fiquei pensando, entristecida, reflexiva.
Serei diferente, não vou me entregar.
Não quero levar uma vida restritiva.

Não imaginei existir dor martelada, rasgada.
Melhor seria ter esquecido, sequer ter ouvido.
Senti-me desolada, fiquei ansiosa, descrente.
Pude me enxergar totalmente impotente!

Uma ex-combatente retornando da guerra.
Sem garra, acomodada, conformada.
Uma bomba explodiu em meu cérebro.
Não! Vou ter que dar uma guinada.

Devolvam minhas asas, quero voar, preciso de ar.
Não serei aquela velha cômoda encostada.
Toda empoeirada, num canto da casa.
Açam que vou mudar, apenas pra agradar?

Não pretendo sossegar, quero passear.
Aposentada? Não irão me limitar.

Não serei a sentinela que não sai da janela...
Quero viver meus pequenos e belos sonhos.

Serei andarilha, sem hora de partir ou chegar.
Rejuvenescida, passarei despercebida.
Vou rever o céu beijando o mar, quero namorar.
E, enfim, observar, sem pressa, o entardecer da vida.

Mel Ribeiro

A próxima palavra é Sonho...



100 INGE

Fernando Pessoa, 6-1-1923.

Sonho. Não sei quem sou neste momento.
Durmo sentindo-me. Na hora calma
Meu pensamento esquece o pensamento,
Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo
Parece que erro. Sinto que não sei.
Nada quero nem tenho nem recorde.
Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,
Fantasmas me limitam e me contêm.
Dorme insciente de alheios corações,
Coração de ninguém.

A palavra é índio

101 INGE

Baila comigo
Rita Lee

Se Deus quiser,
Um dia eu quero ser índio
Viver pelado pintado de verde
Num eterno domingo
Ser um bicho-preguiça,
Espantar turista
E tomar banho de sol, banho de sol,
Banho de sol, sol

Se Deus quiser,
Um dia acabo voando
Tão banal assim como um pardal
Meio de contrabando
Desviar do estilingue
Deixar que me xinguem
E tomar banho de sol, banho de sol,
Banho de sol, banho de sol

Baila comigo, como se baila na tribo
Baila comigo, lá no meu esconderijo

Se Deus quiser,
Um dia eu viro semente
E quando a chuva molhar o jardim
Ah, eu fico contente
E na primavera vou brotar na terra
E tomar banho de sol, banho de sol,
Banho de sol, sol...

Se Deus quiser,
Um dia eu morro bem velha
Na hora H quando a bomba estourar
Quero ver da janela
E entrar no pacote de camarote
E tomar banho de sol, banho de sol,
Banho de sol, banho de sol...

Baila comigo, como se baila na tribo
Baila comigo, lá no meu esconderijo

A palavra é angústia

102 ANDRÉIA CRISTINA

Preço do Conhecimento

Priscila Coelho

http://www.universodasartes.com/poesias/poesias_priscila_loureiro_coelho.htm

Desfrutava a harmonia
Que minha vida seguia
Um tempo farto demais...
E em constante alegria
Displicente eu dizia:
_ Não me entristeço jamais!
Sorria a tudo que via
A cada vã fantasia
Herança de meus ancestrais...
Afoito o coração me batia
E displicente eu dizia:
_ Não me entristeço jamais!
Caminhei por cada via
Que pela frente surgia
Querendo sempre andar mais...
Assim o tempo corria
E displicente eu dizia:
_ Não me entristeço jamais!
Eu vivi com ousadia
De tudo em tudo incutia
Belezas sempre imortais...
E nos meus olhos ardía
A frase que eu repetia:
_ Não me entristeço jamais!
Súbito, num belo dia
Uma angústia tardia
Surgiu em fracos sinais.
Aos poucos eu conhecia
A dúvida, quando dizia:
_ Não me entristeço jamais.
Tanto já me consumia
Essa dor que me doía
Sintomas quase fatais
Numa espantosa agonia
Atônita, eu quase gemia:
_ Alegrar-me...nunca, jamais!

A próxima palavra é copo

103 DANIELA

Lago Burnett

O COPO d'água

O copo d'água. Insípido
entre o pássaro e a lâmpada.
Lúcido e líquido.

Listras de sol passeiam-lhe a superfície
sem excessos matinais de azul-desperto.
Luz flutuante, o mundo transparente,
o copo d'água resiste.

Sólida contextura, as
firmes paredes de vidro unânimes, eternas,
equilibram o milagre.

O copo d'água. insípido
na antenoite sonora. Simples,
lúcido e líquido.

(Os Elementos do Mito / 1953)

A próxima palavra é CORES.



104 MARIA DA GLÓRIA

EMOTIVIDADE DA COR
Gilka Machado (1893 - 1980)

A Dolores Marques Caplonch e a Miguel Caplonch

Sete CORES — sete notas erradias,
sete notas da música do olhar,
sete notas de etéreas melodias,

de sons encantadores
que se compõem entre si,
formando outras tantas cores,
do cinzento que cisma ao jade que sorri.

Há momentos
em que a cor nos modifica os sentimentos,
ora fazendo bem, ora fazendo mal;
em tons calmos ou violentos,
a cor é sempre comunicativa,
amortece, reaviva,
tal a sua expressão emocional.

Lançai olhares investigadores
para a mancha dos poentes:
há cores que são ecos de outras cores,
cores sem vibrações, cores esfalecentes,
melodias que o olhar somente escuta,
na quietude absoluta,
ao Sol se pôr...

Quem há que inda não tenha percebido
o subjetivo ruído
da harmonia da cor?

(...)

— A Cor é o aroma em corpo e embriaga pelo olhar.

Cor é soluço, cor é gargalhada,
cor é lamento, é suspiro,
e grito de alma desesperada!

Muitas vezes a cor ao som prefiro
porque a minha emoção é igual à sua:

— parada, estatelada
dizendo tudo, sem que diga nada,
no prazer ou na dor.

Olhar a cor
é ouvi-la,
numa expressão tranqüila,
falar de todas as sensações
caladas, dos corações;
no entanto, a cor tem brados,
mas brados estrangulados,
mágoas contidas,
mudo querer,
ânsia, fervor, emotividade
de desconhecidas
vidas,
que se ficaram na vontade,
que não conseguiram ser...

Cores são vagas, sugestivas toadas...

Cores são emoções paralisadas...

A Palavra é: ESPELHO



105 ANDRÉIA CRISTINA

Espelho
Mário Quintana

Por acaso, surpreendo-me no espelho:
Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...)
Parece meu velho pai - que já morreu! (...)
Nosso olhar duro interroga:
"O que fizeste de mim?" Eu pai? Tu é que me invadiste.
Lentamente, ruga a ruga... Que importa!
Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre
E os teus planos enfim lá se foram por terra,
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!
Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste...".

A próxima palavra é: orvalho

